

# ANÁLISE DOS MORFEMAS PRONOMINAIS I E S E DOS RELACIONAIS R E 0 NO TUPINAMBÁ

NATANIEL DOS SANTOS GOMES<sup>1</sup>

## RESUMO

A língua indígena mais conhecida em nosso país foi o Tupinambá (Tupi antigo). Esta foi predominante nos contatos entre portugueses e índios no período colonial, tornando-se a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia na região norte. O verbo no Tupinambá vem sempre exposto por um ou mais elementos pronominais. O Tupinambá é uma língua classificada como pertencente ao tipo ativo/não-ativo: os sujeitos dos verbos intransitivos-ativos são expressos pela mesma forma que os sujeitos dos verbos transitivos, enquanto que os sujeitos dos verbos intransitivos não-ativos recebem a mesma expressão que os objetos dos verbos transitivos. Nosso objetivo com este trabalho é de fazer a descrição e análise dos prefixos r-, i-, s- do Tupinambá. Pretendemos descrever a ocorrência dos chamados morfemas relacionais (r e 0) e dos afixos de 3ª pessoa (i e s).

**Palavras-chave:** línguas indígenas, linguística, descrição linguística.

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, [nataniel@uems.br](mailto:nataniel@uems.br)

## INTRODUÇÃO

**N**osso objetivo com este trabalho é de fazer a descrição e análise dos prefixos *r-*, *i-*, *s-* do Tupinambá. Pretendemos descrever a ocorrência dos chamados morfemas relacionais (*r* e *Ø*) e dos afixos de 3ª pessoa (*i* e *s*).

Antes, porém, gostaríamos de explicar que as línguas são classificadas em famílias lingüísticas de acordo com o critério genético. Assim, a família lingüística é constituída por um grupo de línguas para as quais se formula uma hipótese de origem comum, ou seja, todas as línguas que formam aquela família são manifestações diversas e alteradas pelo tempo de uma língua ancestral. O problema que surge é que a maioria destas línguas ancestrais são pré-históricas, sem nenhuma documentação. A partir de estudos históricos-comparativos dessas línguas, ou pelo menos de algumas características destas, parte-se da descoberta da correspondência entre elas, através de sons, de palavras, formas gramaticais, de pelo menos duas línguas, formulando hipóteses sobre a derivação diferenciada das línguas atuais.

A família Tupi-Guarani, da qual o Tupinambá fez parte, se destaca entre as outras famílias da América do Sul, graças à extensão territorial em que estão distribuídas suas línguas.

No século XVI, estas línguas eram faladas em praticamente toda a extensão do litoral brasileiro e na bacia do rio Paraná. Hoje esta família pode ser encontrada no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, além de ser encontrada fora do Brasil, na Guiana Francesa, na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina.

A língua indígena mais conhecida em nosso país foi o Tupinambá (Tupi antigo). Esta foi predominante nos contatos entre portugueses e índios no período colonial, tornando-se a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia na região norte.

É interessante notar que o uso desta língua se tornou tão geral pela população luso-brasileira no século XVIII, que o governo chegou a proibir seu uso. Mas mesmo assim o Tupinambá deixou sua marca na língua portuguesa, por exemplo, numa amostra de um pouco mais de

mil nomes brasileiros de aves, um terço, são de origem do Tupinambá, segundo Aryon Rodrigues (1994).

Precisamos ainda fazer um acréscimo, Edelweiss (1969) discorda da maioria dos especialistas do Tupi ao afirmar que: “(...) não se falava o dialeto Tupinambá, mas o Tupiniquim, do gentio que dominava naquelas plagas” (1969, p. 74).

Ele ainda afirma que o padre Anchieta não se referiu ao léxico em geral, mas a determinado emprego verbal do Tupinambá, traçando diferenças entre o Tupi de São Vicente e o Tamôio do Rio de Janeiro.

## METODOLOGIA

A metodologia do trabalho foi de revisão bibliográfica e análise do *corpus* retirado da gramática de José de Anchieta produzida no século XVI.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da pesquisa está situado dentro da área de línguas indígenas brasileiras, a partir das descrições linguísticas (RODRIGUES 1953 e outros) do corpus selecionado, que foi retirado da gramática do padre Anchieta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O verbo no Tupinambá vem sempre expresso por um ou mais elementos pronominais. O Tupinambá é uma língua classificada como pertencente ao tipo *ativo/não-ativo*: os sujeitos dos verbos intrasitivos-ativos são expressos pela mesma forma que os sujeitos dos verbos transitivos, enquanto que os sujeitos dos verbos intrasitivos não-ativos recebem a mesma expressão que os objetos dos verbos transitivos.

Vejamos o quadro de afixos pessoais:

	Série I (ativa)		Série II (não-ativa)	
	<i>A</i>	<i>As</i>	<i>O</i>	<i>So</i>
<b>1 sg.</b>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>Xe-</i>	<i>Xe-</i>
<b>2 sg</b>	<i>Ere-</i>	<i>Ere</i>	<i>Nde-</i>	<i>Nde-</i>

	Série I (ativa)		Série II (não-ativa)	
	<i>A</i>	<i>As</i>	<i>O</i>	<i>So</i>
<b>1 incl.</b>	<i>Îa-</i>	<i>Îa-</i>	<i>Îande-</i>	<i>Îande-</i>
<b>1 excl.</b>	<i>Oró-</i>	<i>Oró-</i>	<i>Oré-</i>	<i>Oré-</i>
<b>2 pl.</b>	<i>Pe-</i>	<i>Pe-</i>	<i>Pe-</i>	<i>Pe-</i>

Por exemplo:

- a. *a-î-pysyk*  
1sg-3-segurar  
"Eu o segurei."
- b. *î-maenduar*  
"Ele se lembrou."
- c. *Xe-pysyk*  
1sg segurar  
"Ele me segurou."
- d. *Xe-maenduar*  
"Eu me lembrei."
- e. *A-bebé*  
"Eu voo"

De acordo com os dados, o Tupinambá possui 2 conjugações: 1ª) verbos de pronomes pacientes *xe-, nde-*, etc.; 2ª) de prefixos ou pronomes agentes *a-, ere- o-*, etc.

Em Tupinambá, quando o sujeito é de 3ª pessoa e o objeto é de 1ª ou de 2ª pessoas, utiliza-se a hierarquia referencial, isto é, o verbo fica marcado com o prefixo referente ao objeto.

Exemplos:

- a. *Xe-pysyk*  
1ª sg. segurar  
"Ele me segurou."

- b. *Ore-pysyk*  
1ª excl. segurar  
“Ele nos segura.”

Quando o objeto é de 3ª pessoa, todavia, tanto os prefixos referentes ao sujeito quanto ao objeto (de 3ª) ficam expressos no verbo:

- a. *a-î-pysyk*  
1 sg. 3 pegar  
“Eu o segurei.”
- b. *ere-î-pysyk*  
2 sg. 3 segurar  
“Você o segurou.”
- c. *o-î-pysyk*  
3 segurar  
“Ele o segurou.”

Somente a série não-ativa é utilizada para expressar o sujeito do verbo intransitivo e o objeto. O sujeito transitivo é expresso por um pronome livre.

A série de pronomes livre do Tupinambá é:

- Ixe*- 1ª sing.  
*(e)nde*- 2ª sing.  
*îandi*- 1ª inclusiva  
*Ore*- 1ª exclusiva  
*Pee*- 2ª plural  
*Ae*- 3ª pessoa

Nas orações independentes em que o objeto pode ocorrer em qualquer outra posição, o objeto pronominal está sempre expresso no verbo, como no exemplo de *Pindobuçu viu o mar*, no início de nosso trabalho. Os exemplos abaixo visam mostrar que o uso do nome e do pronome de 3ª seguem uma distribuição complementar.

Outros exemplos aonde o objeto é posto entre o agente e o verbo:

a. *a-mberu-îuka*  
1ª sg. mosca matar  
“Matei uma mosca.”

b. *O-mberu-îuká*  
3ª-mosca-matar  
“Matou uma mosca”.

(LEMOS BARBOSA, 1957, p. 67)

Vejamos alguns exemplos em que o objeto não está entre o agente e o verbo, mas o pronome de 3ª pessoa.

Este é quase sempre *i* (ou *î* após vogal).

Exemplos:

a. “Apanhou um machado.”  
*o-îy-pysyk*  
*o-î-pysyk îy*  
*îy o-î-pysyk*

b. “Quero pedras.”  
*a-î-potar itá*  
*itá a-î-potar*  
*a-itá-potar*

Antes de muitos verbos começados por vogal usa-se *s*, em vez de *i*:

c. “Viste o mar.”  
*Ere-paranã-epîak*  
*Ere-s-epîak paranã*  
*Paranã ere-s-epîak*

d. “Ouvi uma voz.”  
*a-nheeng-endub*  
*a-s-endub nheenga*  
*nheenga a-s-endub.*

Com os verbos monossilábicos utiliza-se *îo-* (*nho-*, antes de nasais):

- d. *“Escondemos frutas.”*  
Oro-ybá-mim  
Oro-nho-mim ybá
- e. *“Arrancaram as flechas.”*  
o-uub-ok  
o-îo-ok
- f. *“Enterraste as cabeças.”*  
Pe-akã'-tym  
Pe-nho-tym akanga

Nos casos de 3ª pessoa o *îo-* não é usado de forma rigorosa. Vejamos:

- g. *“Enterrou a mulher.”*  
o-nho-tym kunhã  
o-tym kunhã
- h. *“Pilou o milho’.*  
o-îo-sok abati  
o-sok abati

Um fato curioso sobre os elementos pronominais de objeto de 3ª pessoa é que, quando ocorrem, liberam o sintagma nominal do objeto.

O verbo está marcado com objeto de 3ª pessoa e a ordem do sintagma objeto é livre, conforme o exemplo abaixo:

*a-î-pysyk îy*  
1 sg. 3 apanhar machado  
*îy a-î-pysyk*  
machado 1 sg 3 apanhar  
“Eu apanhei o machado.”

Nas orações dependentes, observa-se o seguinte: quando o objeto é um sintagma nominal, ele deve preceder o verbo, como mostram os dados abaixo.



Quando o pronome objetivo ocorre, porém, o objeto pode aparecer distante do verbo como em:

*Koriteî pitanga kunhã i-mombak-i* (O S V)

Depressa criança mulher 3-acordar-dep.

“Depressa, a mulher acordou a criança.”

*Koriteî kunhã pitanga i-mombak-i* (O S V)

Depressa mulher criança 3-acordar-dep.

“Depressa, a criança acordou a mulher.”

Note que o verbo está marcado com o pronome objetivo, e o sintagma objeto pode ocorrer deslocado e essas sentenças podem ser traduzidas como:

“Depressa, a criança, a mulher acordou.”

“Depressa, a mulher, a criança a acordou.”

É possível dizer:

*Koriteî kunhã imombak i*

Depressa mulher 3-acordar-dep.

“Depressa, a mulher a acordou.”

Parece, então, que o marcador objetivo funciona como um clítico pronominal. É como se fosse o próprio objeto na sua forma pronominal, ao passo que os sintagmas nominais que co-ocorrem com esses clíticos seriam adjuntos.

Quando o pronome de 3ª pessoa está presente, o sintagma nominal que precede o verbo é interpretado como sujeito. Quando o pronome está ausente, o sintagma nominal que antecede o verbo é interpretado como objeto como ilustramos abaixo:

a. *Koriteî pitanga kunhã mombaki*

Depressa criança mulher acordar

“A criança despertou a mulher depressa.”

b. *Koriteî kunhã pitanga mombaki*

“A mulher despertou a criança depressa.”

É sintagma nominal que antecede o verbo é dado como sendo objeto. Em (a) *kunhã* ocupa posição pré-verbal e por isso, é identificado



como objeto. Em (b), é *pitanga* que ocorre antes do verbo e por isso a tradução muda.

Quando o pronome objeto de 3ª é empregado, essa leitura (de que o sintagma nominal antes do verbo é objeto) desaparece. O sintagma nominal *Qua* aparece antes do verbo é visto como o sujeito:

c. *Koriteî kunhã i-mombaki* “  
depressa a mulher a acordou.”

d. *Koriteî pitanga imombaki*  
“depressa a criança a acordou.”

Se houver dois sintagmas nominais na sentença, todavia, o que aparece antes do verbo é sempre o sujeito e o que aparece antes desse sujeito é o objeto. Assim, uma sentença como (e) tem a leitura em (f).

e. *Koriteî kunhã pitanga imombaki*

f. *Depressa, a mulher, a criança a acordou.*

Parece, então, que o prefixo de 3ª pessoa é um pronome objeto e o sintagma nominal associado a ele, parece ser um elemento deslocado como mostra a sentença em português. Note que tem-se uma estrutura de deslocamento à esquerda. O objeto aparece deslocado, mas em seu lugar fica o pronome clítico de 3ª pessoa.

Existem verbos em Tupinambá e em outras línguas da família que aparecem prefixados por um morfema *r-* como mostram os exemplos abaixo:

g. *Koriteî pitanga kunhã-r-epîaki ver*  
“A criança viu a mulher depressa.”

h. *Koriteî kunhã pitanga-r-epîaki ver*  
“A mulher viu a criança depressa.”

Quando este morfema *r-* aparece, o elemento que o antecede é sempre interpretado como o o objeto.

A distribuição do morfema *r* é aleatória. Parece ser condicionada por fatores morfológicos. Uma classe de verbos ocorre com *r*, e outra sem *r*. “Ver” é antecedido por *r*, mas “acordar” não é.

Quando um pronome de 3ª (o alomorfe de *i*, que é *s* em Tupinambá) aparece em estruturas como em (g) e (h), o *r* desaparece e o sintagma nominal que antecede o verbo é também interpretado como sujeito:

i. *Koriteî pitanga sepîaki Ver*  
“Depressa a criança a viu”

j. *Koriteî kunhã sepîaki ver*  
“Depressa a mulher a viu.”

Quando dois sintagmas nominais aparece em tais estruturas, tem-se o mesmo que ocorre nas orações acima. O primeiro sintagma nominal é interpretado como um objeto deslocado:

k. *Koriteî kunhã pitanga s-epîaki*  
“Depressa, a mulher, a criança a viu.”

“Kunhã” é interpretado como objeto deslocado.

Para alguns investigadores do Tupinambá e de línguas da família, *s* e *i* são interpretados não como pronomes, mas como morfemas relacionais como é o caso de *r*.

Observemos os dados do Tupinambá a seguir:

l. *Xe-repîak*  
*1ª-r-ver*  
“me viu”

m. *Nde-r epîak*  
“te viu”

n. *kunhã r epîak*  
“viu a mulher”

o. *sepîak*  
“o viu”

O paradigma acima parece ser um morfema que indica relação. Seria um alomorfe de *r* na 3ª pessoa. Analisamos assim o próximo exemplo:

- p.* *0 s-epiak*  
3ª relacional ver  
"o viu"

Assim, percebemos que o pronome de 3ª pessoa é zero. *S* é a mesma coisa que *r*. Indica apenas que há uma relação de complemento entre o verbo e o sintagma do elemento pronominal que o antecede.

Uma análise assim não consegue explicar exemplos como o (k).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de fazermos a descrição de alguns aspectos do Tupinambá ligados à morfologia verbal para apresentar uma discussão sobre os elementos pronominais. O estudo das línguas indígenas pode ser de suma importância para o desenvolvimento das teorias da Linguística atual. Os aspectos que ainda precisam ser investigados são:

- a. a ordem oracional e o estatuto dos marcadores de pessoa na morfologia verbal;
- b. o reconhecimento das categorias lexicais Nome e Adjetivo.

O estudo aqui proposto é importante não só do ponto de vista descritivo, uma vez que esses aspectos gramaticais ainda não foram investigados por outros pesquisadores em algumas dessas línguas, mas também do ponto de vista teórico porque os dados podem vir a confirmar ou refutar hipóteses pelo modelo teórico aqui adotado.

Podemos perceber alguns problemas até agora. Na ordem oracional e no estatuto dos marcadores de pessoa, constata-se que a ordem apresenta variação. Em algumas línguas, o verbo vem sempre acompanhado de afixos de pessoa referentes ao sujeito e/ou objeto.

A questão que se coloca aqui é: que fator é responsável para a variação dos sintagmas nominais e qual a relação entre a ordem dos constituintes oracionais e a presença desses afixos de pessoas.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Joseph de. **Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Edição da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933.

DOOLEY, Robert A. (red.) **Estudos sobre línguas tupí do Brasil**. Série lingüística, nº 11, Summer Institute of Linguistics, Brasília: 1984.

EDELWEISS, Frederico G. **Estudos tupi e tupi-guaranis: confrontos e revisões**. Livraria Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

LEITE, Yonne; VIEIRA, Marcia Damaso. **Línguas tupi-guarani: estrutura ativa e suas cisões**. /mss/

LEMOS BARBOSA, A. **Curso de Tupi antigo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Análise morfológica de um texto Tupi**. Separata da Revista "Logos", ano VII, nº 15, Curitiba: Tip. João Haupt & Cia, 1952.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Descripción del tupinambá en el período colonial: el arte de José de Anchieta**. Colóquio sobre a descrição das línguas ameríndias no período colonial. Ibero-amerikanisches Institut, Berlim.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 2.ed. Loyola. São Paulo, 1994.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Morfologia do verbo tupi**. Separata de "Letras". /s.e./ Curitiba, 1953, nº 1.